

OS EXCLUÍDOS DA NARRATIVA ELES ERAM MUITOS CAVALOS DE LUIZ RUFFATO.

Gecielli Estefania FRITZEN

Prof. Orientadora: Regina Coeli Machado e SILVA

(PIBIC/Fundação Araucária)

A presente comunicação tem como objetivo analisar os modos de vida e trabalho das personagens de Luiz Ruffato na obra intitulada **eles eram muito cavalos**. Para isso, será analisada a relação da literatura com a sociedade privilegiando a função total, social e ideológica da literatura, por meio da qual os modos de vida e as condições de trabalho vividas atualmente em uma grande metrópole podem ser compreendidos.

Essas condições de trabalho das personagens de Ruffato são representadas na narrativa por meio dessa experiência vivida em São Paulo, marcada por grandes dificuldades de “sobreviver”, por não possuírem uma qualificação adequada. Essas personagens se dedicam a atividades informais, trabalham como autônomos e chegam a assumir atividades desumanizadoras, isso, quando não estão desempregados.

Conseqüentemente, essas circunstâncias se tornam propícias para que “se prolifere” um “individualismo negativo”, experiência de trabalho incerta que não possibilita suprir as necessidades básicas desses trabalhadores, gerando, dessa forma, uma atmosfera de tensão, de impotência e de instabilidade na rotina diária.

Luiz Ruffato. Literatura. Excluídos. Trabalho.

THE MARGINALIZEDS IN “ELES ERAM MUITOS CAVALOS” IN LUIZ RUFFATO’S NARRATIVE.

The present communication has the main objective to analyse the ways of life and work of Ruffato’s characters in a work called **eles eram muitos cavalos**. For this, it’ll be analyzed the relationship between literature and society focusing the total, social and ideologic function of literature, where the ways of life and ideologic function of literature, where the ways of life and the conditions of current work in a big city can be understood.

These work conditions can be observed in Ruffato’s characters because they participate in a urban society (São Paulo), with difficulties to “survive” in this city, because they don’t have a right qualification. These characters work in informal activities, like self-employed and they also accept inhuman activities, this, when they aren’t unemployed.

As a result of this, these circumstances become ideal the “spread” of a “negative individualism”, uncertain work experience that doesn’t have the possibility to reduce the basic necessities of these people, creating a tension atmosphere, incapacity and instability in their daily routine.

Luiz Ruffato. Literature. Marginalizeds. Work.

Universos das narrativas de Ruffato:

Embora sendo parte de uma análise mais ampla das obras de Ruffato que estamos estudando, nosso foco de atenção neste trabalho está direcionado para a obra **eles eram muito cavalos**. As outras dividem-se em três volumes. O primeiro denomina-se **Mamma son tanto felice**, o segundo **O mundo inimigo** e o terceiro **Vista parcial da noite**. Porém, o que as reúne é uma mesma temática, ou seja, os excluídos na narrativa de Ruffato. O que difere o primeiro romance dos demais é justamente o ambiente e os modos de vida desses personagens.

Frente a essas questões, surgem várias indagações: como é caracterizado o contexto dos três volumes de Ruffato em relação a **eles eram muito cavalos**?

O contexto desses três volumes, publicados anteriormente, é caracterizado pela pequena cidadezinha interiorana e pacata denominada Cataguases, que está situada no interior de Minas Gerais, enquanto o ambiente de **eles eram muitos cavalos** se dá na grande metrópole.

Esses contrastes entre a vida metropolitana e rural foram estudados por Simmel como universos opostos. Enquanto na vida rural os relacionamentos são “profundamente sentidos e emocionais” (*apud* VELHO, 1976, p.12), na vida metropolitana os relacionamentos se enraízam “nas camadas mais inconscientes do psiquismo e crescem sem dificuldade ao ritmo constante da aquisição ininterrupta de hábitos” (*idem*)

Dessa forma, o que se pretende mostrar com esses conceitos é a dificuldade de viver e de conviver com outros indivíduos no meio urbano justamente por causa dessas “barreiras” ou seja, essa dificuldade de viver e conviver com indivíduos que estão habituados a viver na metrópole e a seguir os ritmos de vida que a mesma proporciona, tais como a correria do dia-dia, o cumprir horários e, principalmente se adequar às exigências impostas pelo trabalho (especializações, alto nível de escolaridade etc) que devem ser enfrentadas cotidianamente.

Simmel argumenta que no meio metropolitano não há muita diferença no lidar com homens e coisas. Em consequência disso, existe “uma dureza desprovida de consideração” (*apud* VELHO, 1976, p.13) e o homem metropolitano “reage com a cabeça, ao invés de com o coração” (*idem*, p.12). Esse modo de vida analisado por Simmel nos mostra como são constituídas as relações nesse meio, que serão apresentadas neste trabalho. Assim, através desse autor será possível compreender melhor os modos de vida e trabalho dos personagens da obra **eles eram muito cavalos**,

situados nesse contexto de “multiplicidade da vida econômica, ocupacional e social“ (idem).

Geração 90: manuscritos de computador

Antes, porém, de apresentarmos o universo da obra de Ruffato, que se constitui pela complexidade da vida metropolitana, conforme nos mostrou Simmel, pretendemos expor melhor em que contexto surge esse tipo de conto brasileiro. Para isto, utilizaremos de alguns conceitos e idéias propostos por Nelson de Oliveira, em **O século oculto**.

Oliveira descreve no livro citado um capítulo bastante interessante chamado “geração 90: manuscritos de computador” no qual destaca os melhores contistas brasileiros surgido no final do século XX. Ele cita grandes nomes de contistas dessa geração ou “os papas da geração 70, do *boom* do conto brasileiro”(OLIVEIRA, 2002, p. 144) tais como Dalton Trevisan e Ligia Fagundes Telles. Uma das diferenças dessa geração anterior com a da Geração 90 que os novos contistas “deixavam de rascunhar à mão e passavam a rascunhar no próprio computador”(idem, p. 145), situação que caracteriza a idéia do momento atual.

Dentre “os contistas que fizeram da década de 90 outro momento de ouro do gênero no Brasil”(idem, p. 146) estão Luiz Ruffato e Marcelo Mirisola.

Nelson de Oliveira afirma que as obras de Luiz Ruffato se caracterizam pelo engajamento social, enquanto que as narrativas de Mirisola são identificadas pelo erotismo obsessivo.

Dessa maneira, pode-se perceber que o novo conto brasileiro “quer mais é continuar girando em torno do próprio umbigo, o resto que se dane, os insatisfeitos que se mudem”(idem p. 147). Além disso, ele destaca que “a prosa curta da geração 90 ora aceita, ora rejeita a relação sublime absurda que há entre o homem e a natureza”(OLIVEIRA, 2002, p. 147).

Essas contribuições de Oliveira nos fazem refletir sobre a nova face do conto brasileiro, no caso específico de Ruffato. As obras desse autor se caracterizam justamente por esse “girar em torno do próprio umbigo e os insatisfeitos que se retirem”, pois denuncia, por meio da ficção, a realidade social das classes menos favorecidas da nossa sociedade, utilizando uma narrativa singular, desregulada, que não segue nenhum padrão tradicional.

Luiz Ruffato também denuncia por meio da literatura a realidade de seus personagens, ou seja, os personagens da obra de Ruffato se caracterizam pela falta de trabalho, de posição social e de vínculos empregatícios na grande metrópole.

Desafios de estudar literatura em nossa sociedade

Dentre os desafios de estudar literatura na nossa sociedade está o de não encontrar as obras das quais nos propomos estudar disponíveis nas instituições públicas, que teria como objetivo estimular o estudo e a pesquisa, como bibliotecas públicas municipais e universitárias.

Acreditamos que isso ocorre principalmente com obras recém lançadas, ou seja, obras que ainda não são conhecidas pelo público leitor.

Tratando especificamente de **eles eram muitos cavalos** de Ruffato, devemos considerar que é uma obra publicada há pouco tempo, ou seja, sua primeira publicação se deu em setembro de 2001, e, embora faça sete anos que foi publicada, é considerada recente dentro do campo literário.

No entanto, tudo indica que a mesma teve boa repercussão e aceitação pelo público leitor, pois acaba de ser publicada sua segunda edição no ano de 2007.

Mencionar a receptividade da obra pelo público leitor é perceber que a obra literária está estreitamente vinculada com o autor que a produziu, mas, estabelece um vínculo bastante forte com o público que a lê.

Antônio Cândido chama atenção para a relação como uma tríade indissolúvel ligando obra-autor-público.

Tríade indissolúvel obra-autor-público proposta por Antônio Cândido

Como podemos perceber, a obra sempre está ligada com o autor que a produziu e com o público a quem se dirige. Frente a isso, um aspecto que merece grande atenção é justamente essa relação da obra-autor-público, que Antônio Cândido denomina tríade indissolúvel.

Esse autor define a arte como um sistema simbólico de comunicação inter-humana. Conseqüentemente ela pressupõe esse jogo permanente entre esses três elementos.

Essa análise de Cândido nos permite compreender que o público dá sentido a obra, pois sem ele o autor não se realiza, e no caso específico de Ruffato, tudo indica que na primeira publicação de **eles eram muito cavalos** os leitores se identificaram com a obra ao lerem a mesma. Conseqüentemente, se o público “aceitou” essa obra, ela teve uma boa receptividade, e isso é confirmado pela publicação da segunda edição.

Dessa maneira, Cândido expõe que o público é o fator de ligação entre o autor e a obra.

Essa questão nos remete ao fato de que, por exemplo, um autor pode escrever diversos livros durante sua vida inteira, mas se sua obra não é reconhecida, o mesmo continuará no anonimato. Ou seja, “estará morto”. No entanto, se suas obras passarem a ter reconhecimento posterior à vida desse autor, aí sim, ele “estará vivo” no sentido que será lembrado e exaltado pelo que produziu.

Acreditamos que seja indispensável utilizarmos de duas observações feitas por Cândido em relação a essa tríade indissolúvel.

Primeiramente, Cândido expõe que a obra faz um vínculo entre autor e público, pois em primeiro lugar o interesse do público é pela obra. Posteriormente ele pode se estender à personalidade que a produziu.

Em segundo lugar, o autor é intermediário entre a obra que criou e o público a quem se dirige.

Antônio Cândido explica a linguagem literária da seguinte maneira, tendo como base os estudos de Pollock.

O escritor vê apenas ele próprio e as palavras, mas não vê o leitor, e, o leitor vê as palavras e ele próprio, mas não vê o escritor.

Além disso, Pollock expõe que a invenção da escrita “tornou possível a um ser humano criar num dado tempo e lugar uma série de sinais, a que pode reagir outro ser humano, noutro tempo e lugar” (CÂNDIDO, 1918, p.38).

Quando Pollock cita a importância da escrita e o poder que a mesma tem, pelo fato de que ela pode alcançar outro ser humano “noutro tempo e lugar” (idem) nos damos conta da importância da escrita e dos livros, pois os eles transcendem os anos e inclusive os séculos, assim, determinada obra que tenha sido escrita no século XVI poderá ser lida e dada ao conhecimento a indivíduos do século XX.

No que se refere a transcendência de obras literárias, podemos perceber que algumas obras têm as suas funções, ou seja, que se caracterizam por esta ou aquela característica, logo, tratam de assuntos universais como o amor, a traição ou a religiosidade. Assim como há outras que se caracterizam por tratar de assuntos imediatos e locais.

Dessa maneira, Antônio Cândido, além de falar da tríade indissolúvel, destaca também três funções principais da literatura, como segue abaixo.

Função total, social e ideológica da literatura

As três funções principais expostas por Antônio Cândido denominam-se: função total, social e ideológica da literatura.

A primeira delas é caracterizada pela função total, e essa função tem como característica principal a capacidade de transcendência no que se refere às temáticas ou assuntos universais.

Segundo Cândido, a função total está relacionada ao tipo de literatura que “expressa representações individuais e sociais que transcendem a situação imediata, inscrevendo-se no patrimônio do grupo” (*idem* p.45). Como exemplo de obra que se caracteriza por essa função está a obra *Odisséia*, citada por Cândido, pois a mesma tem como aspecto central a representação da humanidade.

A importância dessa obra se dá também pelo fato de que a mesma se fixou no patrimônio da civilização, desprendendo-se do seu contexto social, ou seja, o momento helênico.

A segunda função citada por Cândido denomina-se função social. Para esclarecer melhor as características dessa função, Cândido cita mais uma vez a obra *Odisséia*. No entanto, nessa função, não é o aspecto universal que a caracteriza, e sim a função social. Segundo Cândido, a função social se faz presente nessa obra, pois, os episódios da mesma reforçavam a consciência dos valores sociais, marcava a etiqueta e os deveres das classes. Portanto, estabelecia ente os ouvintes (pois a obra era cantada em festas gregas) uma comunhão de sentimentos que fortalecia a solidariedade, preservavam e transmitiam crenças, além de fatos que pertenciam à tradição da cultura.

No entanto, o que mais chama-nos a atenção dentro dessa função é a concepção apresentada por Cândido, segundo a qual o artista pretende atingir determinado fim e o leitor deseja que esse artista lhe mostre determinado aspecto da realidade.

A terceira função denomina-se função ideológica. Segundo as características dessa função, ela está mais vinculada ou caracterizada no campo das percepções ou das interpretações do público leitor em relação à obra.

Cândido é mais específico na sua concepção, e considera essa função enquanto uma idéia ou um sistema definido de idéias.

Para exemplificar a função ideológica, Cândido exemplifica que determinado autor possa ter tentado mostrar como a vida é enganadora e como a virtude é uma questão de aparência, o que, segundo ele, é possível supor na obra *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Contudo, será o público quem dirá se a obra mostrou ou não essa concepção.

Além disso, Cândido expõe que a função ideológica se torna bem mais clara “nos casos de objetivo político, religioso ou filosófico” (*idem*, p.47).

Frente a essas três funções expostas por Cândido, poderíamos nos questionar: em qual dessas funções é possível enquadrar a obra **eles eram muitos cavalos**.

Em primeiro lugar acreditamos que seja bastante difícil ler essa obra e não nos depararmos com características estéticas (em relação á forma de escrita) e de conteúdo (no que se refere aos acontecimentos e situações apresentados por Ruffato). em uma metrópole tumultuada e em um sistema onde a lei que prevalece é a do mais forte sobre o mais fraco no que diz respeito a sobrevivência. Ou seja, é um contexto de instabilidade de empregos, de mão de obra barata, além do desemprego.

A função social na obra eles eram muitos cavalos de Ruffato

Tudo nos leva a crer que a obra de Ruffato é caracterizada pela função social, justamente porque descreve os aspectos sociais e nos permite conhecer a comunhão de sentimentos desses personagens, além de conhecermos diversas culturas e tradições desses indivíduos (pessoas religiosas, políticos, intelectuais e analfabetos).

Porém, conforme foi citado anteriormente, o ponto principal dessa função está nesse diálogo implícito do autor e público, pois, o primeiro, se predispõe a descrever determinados aspectos da realidade, e o segundo, prontifica-se a “captar” esses aspectos, a fim de que se possa compreender e assimilar aspectos da realidade.

E, nisso, Ruffato é exemplar, pois, demonstra em sua obra características minuciosas e detalhadas dos aspectos sociais e cotidianos de seus personagens. Isso nos remete à analogia que Antonio Candido faz da literatura da sociedade moderna com as narrativas dos grupos iletrados, primitivos e rústicos.

Segundo Cândido, a literatura dos grupos iletrados está estreitamente vinculada à vida coletiva, ou seja, as manifestações são mais coletivas que individuais, são mais comuns do que pessoais.

Além do mais, ele expõe que, quanto mais uma obra se caracteriza enquanto produto e trabalho da coletividade, mais presente estará ali a sociologia para estudar os aspectos sociais que essa obra possui.

Frente a essas considerações, poderíamos no mínimo nos arriscar a dizer que Luiz Ruffato, além de escritor, efetuou o papel de sociólogo quando descreveu a grande São Paulo e transcreveu para seu livro os personagens que aí vivem. Embora o escritor não tenha descrito a realidade de um grupo isolado (os primitivos por exemplo) ele descreveu brevemente a realidade de diversos personagens, onde foi possível perceber que os mesmos possuem problemas semelhantes, tais como a falta de empregos estáveis, jovens drogados ou desempregados, além, de uma vasta miséria e falta de higiene nos meios de transporte utilizados pelos personagens da narrativa.

No entanto, o que chama a atenção é a idéia de que se juntarmos todas as descrições de cada personagem descrito por Ruffato como se fosse de um pequeno grupo (primitivos) perceberíamos o papel de sociólogo ou antropólogo do escritor que se deu ao trabalho de analisar a cidade de São Paulo. Embora as características físicas e psicológicas sejam diferentes, as necessidades (alimentação, moradia, emprego, formação) são praticamente as mesmas para todos. Segundo as palavras de Cândido, o sociólogo reúne em uma síntese a descrição folclórica e a análise estética, pois o sociólogo possui instrumento que o permite chegar até a função social que na literatura dos grupos iletrados unifica e esclarece o seu sentido.

Logo, é possível verificarmos as mesmas funções da literatura primitiva no meio urbano atual, descrito por Ruffato.

Algumas situações vividas pelos excluídos da narrativa de Ruffato

Apesar de termos feitos algumas observações sobre o ambiente e sobre algumas características e necessidades desses “excluídos de Ruffato” é necessário mostrá-los mais de perto.

Os personagens de Ruffato são pessoas simples, humildes, que batalham pela sobrevivência diária.

Encontramos na narrativa de Ruffato meninos de dez, onze anos largando a escola para vender cachorro quente em frente à firma onde o pai trabalha, com o objetivo de serem caminhoneiros, como representado no trecho abaixo:

“O menino tem dez-onze anos, embora franzino, aparente bem menos. Agora largou a escola, vende cachorro- quente com molho de tomate ou de maionese-e coca-cola em frente à firme onde o pai trabalha. À noite, guarda o carrinho no pátio da empresa, os vigias tomem conta. Quando crescer, perder-se Brasil afora, sonha caminhoneiro” (RUFFATO, 2001, p. 14).

Podemos perceber que o trabalho é a primeira preocupação desses adolescentes. São raros os casos (na obra) em que a preocupação de estudar e educar-se ocupa o primeiro plano desses adolescentes. Possivelmente essa situação decorre do fato de que a educação e o conhecimento estejam em “segundo ou terceiro plano” frente às necessidades emergenciais do ser humano como a alimentação e sobrevivência. Assim, é possível percebermos que o estudo não é uma das preocupações prioritárias dos jovens da narrativa de Ruffato. Talvez isso ocorre pela consciência e sensibilidade dos jovens diante das necessidades dos pais, logo, pela percepção de que é necessário colaborar com o orçamento familiar ou simplesmente pela falta de ânimo ou interesse desses jovens em relação às suas formações básicas. No romance essa situação é descrita como se segue:

“Largara o primeiro ano do secundário, ajudar em casa era a desculpa, o pai desempregado, a mãe do lar. As coisas se aprumavam, no entanto, mickeis, donalds, minnies, patetas, frajolas, piu-pius, mônicas, cebolinhas, cascões, magalis de plush, bolinhas de isopor, a mãe fazia, o Opala abarrotado do pai pelo interiorzão” (RUFFATO, 2001, p. 80).

Podemos notar que os empregos ou trabalhos manuais, flexíveis, informais caracterizam os trabalhadores de Ruffato, assim como os filhos são peças fundamentais na colaboração através da mão de obra na elaboração do trabalho. Como trabalhadores sem qualificação e sem estudos, tampouco são possuidores de alguma iniciativa.

Dessa maneira, é comum encontrarmos jovens desempregados, sem grandes perspectivas, e, que se envolvem com drogas, seja através do tráfico ou do consumo:

“O filho, cruzou a soleira assustados os olhos o corpo escorrendo toalha à cintura a algazarra dos periquitos nos ipês da rua a bolsa o molho-de-chaves espalhados no carpete-de-madeira o pôster ozzy osbourne colado na porta do armário você já lanchou meu filho mãe balbuciou eu e ela já sei vamos sair e comer uma pizza que tal e a madrugada se dissipa os amigos do colégio do prédio amontoam-se entorpecidos o fumo a parafina colegas conhecidos parentes vozes velórias à cadeira à cabeceira coroa de flores saudades é um jesus cristinho assim deitado estampa comprada num domingo de sol na feira da praça da república dezessete anos em agosto” (RUFFATO, 2001, p. 20).

Nesse trecho temos o episódio da morte de um jovem devido ao consumo de drogas. De acordo com o que consta na obra **eles eram muitos cavalos** a mãe desse rapaz era uma mulher separada que trabalhava para sustentar o filho.

O pai havia “trocado” a mãe do jovem por uma menina de uns vinte anos, e estava morando em uma mansão em Alphaville, enquanto que ela, a mãe, estava passando dificuldades para educar o filho e “quitar as prestações do apartamentinho em Jabaquara” (idem, p. 19).

Esse pai ligava de vez em quando para saber como estavam as coisas: “aí ah esse mês não vou poder depositar o dinheiro as coisas não estão indo bem” (idem). Na data de aniversário “e aí campeão no natal e aí campeão no ano novo e aí campeão ano que vem vamos ver se a gente tira umas férias juntos”(idem).

É possível percebermos no romance que existe uma grande desestrutura familiar, conseqüentemente uma educação falha para os filhos, e o fim, como pode ser notado, é a morte.

O seguinte trecho também demonstra o envolvimento de jovens com drogas:

Roubar não dava prazer, pronto! Encher a cara antes talvez como os que assaltam banco, diligenciam seqüestro relâmpago.
Mas, drogas? Certa vez experimentou maconha, o coração cavalgou, fosse morrer, o corpo subtraído, amadornou quentando sol num banco da praça Roosevelt, acordou zumbizado, catou o primeiro ônibus para abraçar a mãezinha, coitada, no caminho bestando desculpa, na hora disse bobagem, que tinha passado a noite com uma moça (RUFFATO, 2001, p. 43).

As mulheres da narrativa de Ruffato são casadas ou prostitutas, humilhadas física, moral ou sexualmente pelos seus maridos ou pelos homens que as contratam para fazer programas. Abaixo está a auto-representação de uma mulher diante dos homens:

E sempre que coisas ruins acontecem, quando me sacaneiam, como agora, por exemplo, que este filho-da-puta me trouxe para um motel e quer porque quer que eu dê para ele e pros dois amigos de uma vez só, pinto na boca, pinto na buceta, pinto no cú, pensam que eu sou, meu deus, o quê, se eu não fizer o que eles mandam vão me encher de porrada, já estão doidos, cheiraram cocaína e beberam uísque, o sacana me deu um tapa na cara, cortou meu lábio (RUFFATO, 2001, p. 123).

Assim como os personagens da narrativa de Ruffato fazem parte de um universo desumano e inabitável, também são os meios de transporte desse lugar, no qual é possível encontrarmos vidros suados e restos de comida:

O empestado de janelas fechadas, vidros suados, no soalho, esparramados, papéis de bala, de bolachas, guardanapos, sacolas, palitos de picolé copos descartáveis, garrafas plásticas, farelo de biscoito-de-porvilho, de pão de broa, farinha, restos de comida (RUFFATO, 2001, p. 16).

E, esse ambiente de falta de higiene e condições saudáveis reflete diretamente sobre o seu humano “nem ao banheiro pode ficar balangando sobre-cabeças, e, alcançando o fedor do cubículo no rabo do corredor, nada adiantaria, embora a bexiga espremida, embora o intestino solto” (RUFFATO, 2001, p. 16).

Os personagens da obra de Ruffato são pessoas humildes que, apesar de se dedicarem inteiramente ao trabalho, se vêm sempre submetidas a uma vida miserável, sem condições econômicas e sem lazer, por não ganharem o suficiente. Como consequência, surgem climas tensos nos lares, que estimulam cada vez mais a inconformidade e revolta:

Cansei nada vale tanto sacrifício trabalhar trabalhar trabalhar pra quê? A gente quase não se vê mais não sai pra lugar nenhum quanto tempo tem que você nem me procura (RUFFATO, 2001, p. 25).

Esta é a fala da esposa que está cansada de tanto trabalhar e que não encontra nessa realidade nenhuma condição para o lazer. Além do mais, essa personagem não encontra em seu meio, no bairro em que vive, a segurança necessária, gerando dessa maneira climas de terror e insegurança. A mesma personagem expõe para o marido as situações pelas quais vêm vivenciando:

Ontem de noite, eu vinha vindo do colégio o trânsito estava tudo parado ali na altura do Limoeiro um monte da viatura da polícia sirene ligada uma confusão danada e eu sozinha morrendo de medo sei á a gente não dá conta do que passa pela cabeça nessa hora aí (RUFFATO, 2001, p. 23).

Posteriormente a esse fato, a personagem continua expressando sua inquietude em relação à insegurança, continuando a descrever o episódio:

E vi os soldados na calçada arrastando pelas pernas dois sujeitos ensangüentados deviam estar mortos já e vários outros sentados na guia só de cuecas mãos na nuca parecia cena de filme americano (RUFFATO, 2001, p. 24).

Logo, é possível percebermos a preocupação dessa esposa e mãe em relação aos filhos, indagando se os mesmos se envolverão ou não com a “bandidagem”:

É só aqui ficar enfiado dentro dessa casa tensa na hora de sair tensa na hora de chegar rezando pra que nossos filhos não se envolvam com a bandidagem do bairro não se metam com drogas (RUFFATO, 2001, p. 26).

Portanto, a falta de estruturação na família e a exclusão social gerada pela falta de preparo profissional fazem com que os indivíduos se sintam incapazes de “ousar” e “fazer a diferença”, como se esses processos dependessem única e exclusivamente dos indivíduos, e, como se os mesmos tivessem isolados de qualquer influência social do meio em que vivem. Dessa forma, a esposa (personagem da obra de Ruffato) justifica a condição em que está submetida pela incapacidade do marido:

Essa nossa pobreza é uma bela desculpa pra sua falta de empenho e ousadia de coragem você esconde sua covardia a sua falta de vigor atrás do seu inconformismo intelectual como se o mundo estivesse morrendo de medo da sua indignação (RUFFATO, 2001, p. 26).

Esse fato ocorre devido à fase moderna em que estamos inseridos: a individualidade se torna negativa à partir do momento em que os indivíduos não conseguem suprir suas necessidades dentro desse sistema.

Em relação a isso, Robert Castel, (sociólogo francês) propõe compreender essa situação vivida na sociedade atual através do conceito de “individualismo negativo”, que é marcado pela “falta”, “porque se declina em termos de “falta” de consideração, falta de segurança, falta de bens garantidos e de vínculos estáveis” (1998, p. 598).

Dessa maneira, foi possível percebermos que os personagens de Ruffato estão imersos nesse “individualismo negativo” justamente porque a maioria deles sente na pele as “faltas” que esse individualismo traz.

Castel expõe que as prerrogativas do individualismo vão se aplicar aos indivíduos que, da liberdade, conhecem principalmente a falta de vínculos e, da autonomia, a ausência de suportes.

Dessa forma, de que serve a individualidade se esta não é capaz de suprir as necessidades dos indivíduos que a possuem?

Esta não seria necessariamente uma resposta. Para termos uma noção desse individualismo, Castel expõe-nos que “não basta saber trabalhar, é preciso saber, tanto quanto, vender e se vender” (idem, p. 601).

Esse fato nos remete à interpretação de que, nesse meio, ou em meio a esse individualismo, o indivíduo deve fazer o que estiver a seu alcance para se sobressair ou sobreviver nesse sistema.

É válido destacarmos as considerações de Castel em relação ao trabalho:

Na esfera do trabalho, a individualização das esferas permite a alguns que escapem das injeções coletivas e expressem melhor sua identidade através do emprego. Para outros significa segmentação e fragmentação das tarefas, precariedade, isolamento e perda de proteções (CASTEL, 1998, p. 602).

Nesse sentido, podemos perceber que existe o desafio enfrentado pelos personagens de Ruffato são os desafios dos excluídos da nossa sociedade atual, como descreveu Bauman:

Um desafio e uma necessidade perpétua e talvez sem fim, o verdadeiro significado é “permanecer vivo e bem”
(BAUMAN, 2001, p. 155)

Como podemos concluir, os personagens de Ruffato também

São homens e mulheres individuais que as suas próprias custas deverão usar, individualmente, seu próprio juízo, recursos e indústria para elevar-se a uma condição mais satisfatória
(BAUMAN, 2001, p. 155).

Considerações finais

Estudar a obra de Luiz Ruffato é estudar esteticamente a situação do descamisado e “sem teto”. Os personagens de Ruffato não têm condições financeiras, tampouco qualquer reação de atitude e mobilização em busca de seus direitos, pois, como é representado no romance, a necessidade deles é imediata, ou seja, a necessidade de se alimentar e de trabalhar para poder sobreviver.

Assim, através dessa estética, Ruffato permite que conheçamos através da ficção moderna brasileira (geração 90) e da vida de seus personagens, alguns aspectos significantes do cotidiano brasileiro de muitos trabalhadores que vivem em São Paulo.

Referências Bibliográficas:

CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**. 7 ed. São Paulo: Ed. Nacional,1985.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2001.

CASTEL, Robert. **As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário**.
Petrópolis, Rj: Vozes,1998.

RUFATTO, Luiz. **eles eram muitos cavalos**. São Paulo: Ed: Boitempo, 2001.

VELHO, Otávio Guilherme. **O fenômeno urbano**. 3 ed. Rio de Janeiro: Ed. Zahar,
1976.